

ATIVIDADES ESCOLARES EM CASA: UMA EXPERIÊNCIA DE PROTAGONISMO DO ESTUDANTE ALIADO À PARTICIPAÇÃO FAMILIAR

MÁRCIA FERNANDES PINHEIRO HARA¹

<https://orcid.org/0000-0003-4338-5505>

marciapinho.hara@ufjf.br

RESUMO

O estudo constitui-se em um relato de experiência acerca de uma atividade escolar da disciplina de Ciências da Natureza, realizada por estudantes do Ensino Fundamental em suas casas. Após preparação prévia em sala de aula, os estudantes foram incentivados a ensinar um tema escolhido para membros de suas famílias, visando promover seu protagonismo no aprendizado e aumentar o envolvimento familiar na educação escolar. A fundamentação teórica utilizada ressalta tanto a necessidade de maior colaboração familiar quanto o potencial positivo das tarefas domiciliares para a aprendizagem. Utilizou-se uma metodologia cuidadosamente planejada, com preparação prévia dos estudantes e o *feedback* dos responsáveis sobre a atividade. Os resultados indicaram uma inédita participação total dos estudantes, percepção espontânea de protagonismo estudantil pelos responsáveis e melhoria nos resultados de avaliações subsequentes, além da mitigação de desafios comuns nas atividades escolares que envolvem a participação familiar. Essa abordagem sugere novas possibilidades para fortalecer o interesse e aprendizado dos estudantes, ressaltando a importância de estudos futuros para validar as conclusões.

1. APRESENTAÇÃO

O presente texto consiste em um relato de experiência acerca de uma atividade desenvolvida na forma de “dever de casa”, por 90 estudantes da disciplina de Ciências, no 6º ano do Ensino Fundamental. Tal atividade consiste, após cuidadosa preparação prévia, na escolha de um tema estudado na disciplina de Ciências para que o(a) estudante ensine-o para membros de sua família.

Dessa forma, objetiva-se alçar o(a) estudante para uma posição de protagonismo no aprendizado, bem como conclamar a uma maior participação familiar nessa fase de escolarização. Nesse sentido, o trabalho desenvolvido apresentou resultados relevantes quanto à participação, percepção de protagonismo entre estudantes e responsáveis, melhoria nas avaliações subsequentes, bem como com mitigação dos principais desafios percebidos nas atividades escolares que envolvem a participação familiar.

¹ Professora do Colégio de Aplicação João XXIII – Universidade Federal de Juiz de Fora – MG.

2. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E DAS TURMAS

O relato de experiência a seguir foi desenvolvido em uma escola pública, um Colégio de Aplicação Federal, no município de Juiz de Fora, estado de Minas Gerais. A escola atende estudantes da pré-escola até o final do Ensino Médio. A admissão dos estudantes ocorre mediante sorteio, o que torna o corpo discente e suas famílias heterogêneo e diverso. Caracteriza-se a escola pela intensa atividade docente, no ensino, na pesquisa e na extensão. Realizou-se a atividade, objeto deste relato de experiência, como complementação das aulas de Ciências desenvolvidas pela autora.

No presente estudo houve a participação de aproximadamente 90 estudantes de 10 a 13 anos que cursavam, então, o 6º ano do Ensino Fundamental. Ressalta-se que nas turmas em questão há participação significativa dos responsáveis, em reuniões e chamamentos individuais, porém verifica-se pouca participação familiar nas atividades a serem desenvolvidas nas residências dos(as) estudantes.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As tarefas ou atividades a serem realizadas após as aulas, nos lares dos estudantes são objeto de estudo em diversas áreas de conhecimento. Conhecidas como “dever de casa” ou “tarefas para casa” apresentam impacto positivo na aprendizagem e ao mesmo tempo muitas famílias têm dificuldades de organizar essas atividades fora do espaço escolar (Oliveira; Marinho-Araújo, 2010).

Inicialmente, trata-se de uma tentativa de buscar mecanismos de atuação e abordagens que possam ser utilizadas em famílias bastante distintas e com relações múltiplas com o ambiente escolar (Faria Filho, 2000), mas que apresentem ao menos um ponto em comum, qual seja a disposição de colaborar, em conjunto com a escola para o sucesso acadêmico de seus filhos e dependentes.

Considerando-se a demanda de pais que pedem por maior participação na educação escolar de seus filhos, assim como as transformações vividas por nossa sociedade, constata-se a necessidade de mudanças na forma de interagir com os estudantes. Algumas práticas educativas já validadas passaram a ser questionadas e atualmente restam muitas dúvidas sobre como proceder com relação à educação dos filhos (Biasoli-Alves, 2012).

Nesse sentido, a experiência docente cotidiana, bem como os estudos acadêmicos correlatos, observam diversos obstáculos para a consecução desses objetivos com a participação das famílias. Fatores que alcançam, em um extremo, a dificuldade de acompanhamento das famílias e em ponto oposto, a assunção exclusiva pelos pais das atividades propostas, abarcam a miríade de fatores que dificultam o chamamento das famílias para atividades em conjunto com os alunos. Nos dizeres de Soares (2004)

Há alguns fatores que parecem dificultar que os pais participem ativamente da vida escolar de seus filhos. Dentre eles, pode-se citar: as mudanças nas práticas de ensino; o desconhecimento dos assuntos trabalhados na escola; a falta de tempo, em especial para pais que trabalham fora; o nível de dificuldade de aprendizagem apresentado pelos filhos; o tipo de avaliação feita pela escola; os comportamentos gerais dos profissionais da escola em relação aos pais e às crianças; o desconhecimento de como proceder para enfrentar problemas relacionados à vida acadêmica dos filhos etc.

Para evitar tais óbices e dificuldades buscou-se uma abordagem distinta, em que o(a) estudante, após o devido aprendizado e preparação em sala de aula, seria chamado(a) a ministrar o conteúdo escolhido para sua família, como um(a) professor(a). Assim, buscou-se aliar o incentivo e confiança do ambiente familiar ao protagonismo do estudante, cuja função exige, de forma marcante, dedicação, engajamento e preparação.

Nesse sentido, a atividade proposta evoca protagonismo em sua função básica. Arruda *et al.* (2017) consideram o estudante como protagonista quando assume o papel de sujeito ativo e participante do seu processo de aprendizagem e, concomitantemente, consegue vivenciar e ultrapassar situações, funções e papéis que, em seu dia a dia, não tem a oportunidade de exercer.

4. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência, a seguir descrita, foi proposta para turmas de sexto ano do Ensino Fundamental em uma escola pública de Juiz de Fora e sua consecução abrangeu uma execução rigorosamente planejada.

Inicialmente, a escolha do tema objeto da atividade recaiu sobre os tipos de solo, por escolha coletiva, tendo em vista os diversos pontos a serem explorados, o número de aulas teóricas e práticas dedicadas ao conteúdo e o domínio do tema pelos alunos.

Ao propor uma inversão nas formas usuais de atividades, ou seja, que o estudante relatasse a matéria aprendida para a família, ao invés de requisitar seu auxílio para responder questionamentos buscou-se também uma alteração no papel do estudante, perante a família, de forma a conferir maior protagonismo, iniciativa, confiança e fixação do conteúdo escolhido.

A atividade fora elaborada como um estudo de revisão de um conteúdo já apresentado e discutido em sala de aula. A proposta elaborada como uma “tarefa para casa” foi desenvolvida para que os alunos explicassem um conteúdo escolar aos seus familiares. Dessa forma, os(as) estudantes seriam os(as) “professores(as)” de um adulto que morasse com eles.

As atividades de laboratório consistiam, em uma aula, na observação de tipos diferentes de rochas e experimentos de escoamento de água em diferentes tipos de solo; em outra aula, a observação de grãos de diferentes tipos de solo em lupa elétrica, podendo manipular e comparar a diferença entre os grãos, principalmente de argila e areia.

A seguir, os(as) estudantes receberam orientação detalhada sobre como preparar uma aula, como se portar, sobre o ambiente adequado e sobre como verificar e esclarecer eventuais dúvidas. Por fim, para análise dos resultados e do alcance da atividade foi direcionado um questionamento simples aos responsáveis sobre o conteúdo abordado.

A atividade solicitada foi elaborada e entregue aos estudantes em uma folha que trazia questões e um quadro branco abaixo de cada questão, para que eles utilizassem a melhor estratégia, à sua escolha, para aprofundamento do conteúdo. Poderiam descrever, desenhar, fazer esquemas ou tabelas, desde que o familiar conseguisse entender o conteúdo apresentado.

A tarefa constituiu-se em: Explicar os tipos de rocha e o motivo do nome de cada tipo; explicar como é formado o solo; explicar as diferenças entre areia e argila e explicar o que é um bom solo para a agricultura; explicar o que é um solo humoso.

Ao final, o familiar deveria se manifestar sobre suas impressões acerca da atividade realizada, em relação a compreensão da família quanto ao conteúdo estudado e a respeito da sua percepção sobre o aprendizado do(a) estudante.

As atividades foram direcionadas para fins de semana, ocasião normalmente propícia para a reunião familiar necessária para o desenvolvimento da atividade e para que se dispusesse de tempo para resposta dos responsáveis às indagações sobre a apresentação, compreensão do tema e percepções sobre o(a) estudante.

5. AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Em atividades “para casa” verifica-se usualmente que uma parcela dos(as) estudantes não as realizam, por diferentes razões.

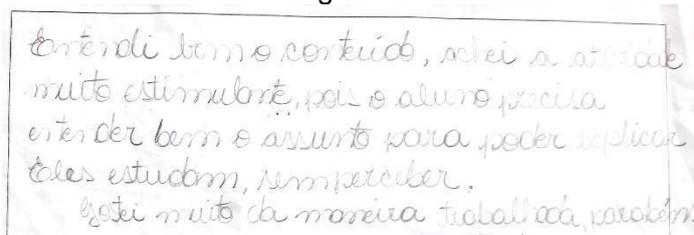
No caso da tarefa em questão, de forma marcante e surpreendente, todos os 90 alunos(as) envolvidos entregaram suas atividades no prazo estabelecido, fato inédito em relação às atividades anteriormente propostas entre esses(as) mesmos(as) estudantes.

Também ressalta-se outro ponto, cuja relevância foi uma das principais motivações para a escrita do presente relato de experiência, qual seja a quantidade e intensidade das observações realizadas pelas famílias. De fato, o entusiasmo familiar pela realização da atividade e as observações efetuadas demonstraram, não somente a ocorrência de efetiva participação, como também demonstraram um entendimento e uma análise objetiva acerca da necessidade de se conferir autonomia e protagonismo aos(às) estudantes.

Nesse sentido, reveste-se de importância considerar as observações dos responsáveis, das quais selecionou-se algumas, como exemplo:

Em uma das observações, sobre a avaliação que se fazia da atividade, afirma uma responsável: “Entendi bem o conteúdo, achei a atividade muito estimulante, pois o aluno precisa entender bem o assunto para poder explicar. Eles estudam sem perceber. Gostei muito da maneira trabalhada, parabéns!”

Figura 1.

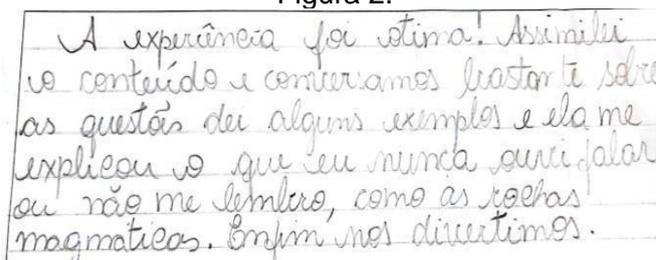


Entendi bem o conteúdo, achei a atividade muito estimulante, pois o aluno precisa entender bem o assunto para poder replicar estes estudos, sem esquecer. gostei muito da maneira trabalhada, parabéns

Fonte: Arquivos da autora.

Outro ponto, recorrentemente citado, foi a verificação da compreensão efetiva do(a) estudante sobre o tema apresentado e sua motivação em expô-lo para a família: “A experiência foi ótima! Assimilei o conteúdo e conversamos bastante sobre as questões, dei alguns exemplos e ela me explicou que eu nunca ouvi falar, ou não me lembro, como as rochas magmáticas. Enfim, nos divertimos”.

Figura 2.

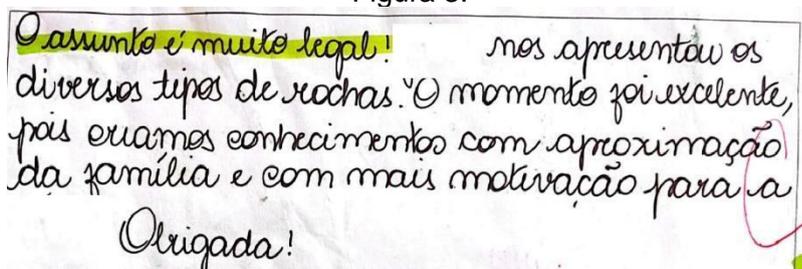


A experiência foi ótima! Assimilei o conteúdo e conversamos bastante sobre as questões dei alguns exemplos e ela me explicou o que eu nunca ouvi falar ou não me lembro, como as rochas magmáticas. Enfim nos divertimos.

Fonte: Arquivos da autora.

Outro ponto de destaque bastante repetido foi o aprendizado dos pais em relação a questões que desconheciam: “O assunto é muito legal! XXX nos apresentou os diversos tipos de rochas. O momento foi excelente, pois criamos conhecimentos com a aproximação da família e com mais motivação para XXX. Obrigada!”

Figura 3.



O assunto é muito legal! nos apresentou os diversos tipos de rochas. O momento foi excelente, pois criamos conhecimentos com aproximação da família e com mais motivação para a
Obrigada!

Fonte: Arquivos da autora.

Por fim, em relação aos resultados verificados, observou-se também que, após a realização da atividade relatada, o desempenho nas avaliações pertinentes ao tema apresentaram um alcance notadamente melhor do que em anos anteriores. Trata-se de importante conclusão que, porém, necessita de estudos mais específicos para confirmação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da presente experiência de envolvimento familiar na atividade escolar, percebeu-se um relevante potencial nesse tipo de atividade. Especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental, em que o desenvolvimento dos(as) estudantes traz maior independência nos estudos em relação aos responsáveis, situações semelhantes podem estimular a autonomia e protagonismo dos estudantes sem implicar em distanciamento familiar das atividades escolares.

A realização da atividade narrada também trouxe estímulo e inovação para a prática docente da autora. Nesse sentido, pretendo estender e aprimorar atividades para a utilização dessa dinâmica para a construção de uma metodologia de apoio para temas centrais do ensino de Ciências.

Sob a perspectiva da relação entre ensino e aprendizagem, novos estudos devem ser desenvolvidos para a apuração da extensão e alcance de atividades semelhantes sobre o aprendizado de estudantes, especialmente nessa faixa etária.

Por fim, ressalta-se que novos estímulos e métodos que visem unir esforços docentes e familiares para aprofundar o interesse dos estudantes, em atividades simples e de execução acessível podem estar ao alcance de todos(as) os(as) professores(as) e clamam por renovadas práticas e novos estudos.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, J. S. *et al.* Tecnologias digitais e o processo de protagonismo estudantil no Ensino Fundamental. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO V., 2017. **Anais** [...]. Fortaleza. Universidade Federal de Pernambuco, 2017.

BIASOLI-ALVES, Z.M.M. Contribuições da psicologia ao cotidiano da escola: necessárias e adequadas? **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 12., p. 77-95. 2012. DOI 10.1590/S0103-863X1997000100007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/paideia/a/xyskm68jFsNsFx8bJy8t55R/?lang=pt>. Acesso em: 21 jun. 2024.

FARIA FILHO, L. M. Para Entender a Relação Escola-Família: uma contribuição da história da educação. **São Paulo em Perspectiva**. V. 14. 2000. DOI 10.1590/S0102-88392000000200007.. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/spp/a/VWmqHMjzXwgDR43kbcv7BRH/abstract/?lang=pt>.

Acesso em: 23 jun. 2024.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista; MARINHO ARAÚJO, Cleisy Maria. **A relação família-escola: intersecções e desafios**. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 99-108, jan./mar. 2010. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000100012> Acesso em: 13 mai. 2024.

SOARES, M.R.Z.; SOUZA, S.R; MARINHO, M.L. Envolvimento dos pais: incentivo à habilidade de estudo em crianças. **Estudos de Psicologia**, Londrina, v. 3. 2004.

DOI 10.1590/S0103-166X2004000300009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/zkmXhRmpzKZFrQSZnKw3wfj/#>. Acesso em: 13 mai. 2024.